

Cada filho representa um novo aprendizado

Letícia Wilson

“Filhos...Filhos? Melhor não tê-los! Mas se não os temos, como sabê-lo?”. Este verso do Poema Enjoadinho, de Vinícius de Moraes, é a resposta mais acertada, se não a única, às inúmeras dúvidas do ser humano em relação a esse tema. Para as desprevenidas e até para as mais experientes, cada filho representa um novo aprendizado, novas angústias e diferentes emoções. A cada ano, cerca de 160 mil mulheres tornam-se mães no Rio Grande do Sul – a maioria compartilhando os mesmos temores e incertezas.

A relação entre mães e filhos mudou muito nos últimos anos. Na Idade Média, por exemplo, elas matavam os que nasciam deformados. Atualmente, a própria legislação estabelece preferência às mães. “A figura do amor materno foi construída no romantismo e hoje até parece impossível que alguém não tenha

esse sentimento”, definiu a psicóloga Cleci Maraschin, professora do Instituto de Psicologia da Ufrgs. Esta definição chega a provocar culpa em quem não pode ou não quer engravidar. “Esta ligação não é tanto biológica”, disse. Segundo ela, o vínculo pode ser muito bem construído em adoções, por exemplo.

“Não me venha com essa de instinto materno. Mãe é quem cria”, frisou a presidente da Fundação Thiago de Moraes Gonzaga, Diza Gonzaga, que tem três filhos adotivos. O dia de hoje para ela não é sinônimo de comemorações. Maio é o mês da morte de seu filho Thiago, que perdeu a vida num acidente de trânsito, em 1995. Apesar da tragédia, ela reuniu forças e criou a ONG que atua na conscientização pelo trânsito seguro. “É a inversão da ordem da vida”, definiu. Segundo ela, sete mães perdem os filhos no trânsito a cada final de semana na Grande Porto

Alegre. O maior presente que um filho pode dar neste dia? “Mantenham-se vivos”, aconselhou Diza.

CRISTIANO SANT'ANNA



Diza perdeu Thiago. Ela dá conselhos